

Miniempresa: Desafios e Possibilidades na Formação Emancipada para o Mundo do Trabalho

Evandro Carlos do Nascimento, Especialista em Docência, IFFAR

Maria Carolina Fortes, Doutora em Educação, IFSUL

***Resumo:** O tema desta pesquisa está apoiado na necessidade de compreender as contribuições da miniempresa na Educação Profissional e Tecnológica, em especial em curso de graduação, entendendo-a como recurso pedagógico. Nesse sentido, busca-se através de pesquisa qualitativa realizar um estudo de caso a partir do curso de graduação em Administração do campus Frederico Westphalen (FW), do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFAR), no Rio Grande do Sul, com foco na formação emancipadora para o mundo do trabalho. Como ferramenta para a construção dessa proposta será utilizada a miniempresa, com o foco na emancipação do discente enquanto trabalha os conhecimentos adquiridos no seu curso. O tema da formação emancipadora tem como apelo a necessidade do aluno de entender o mundo do trabalho, através de uma vivência prática de utilização do conhecimento construído, juntamente com as interações humanas que ocorrem no dia-a-dia de trabalho. A motivação para o estudo desse tema teve origem na percepção de que faltam oportunidades práticas na construção do conhecimento, bem como no entendimento de que os alunos têm necessidade de entender como se dão as relações pessoais e profissionais no mundo do trabalho de forma mais vivencial.*

***Palavras-chave:** Educação. Ensino. Miniempresa. Emancipação.*

1. Apresentação

Com este trabalho busca-se compreender os elementos formadores presentes neste modelo de miniempresa, e como associa-se aos processos pedagógicos de um curso de graduação em Administração. É de interesse também a análise dos processos desenvolvidos na miniempresa e seus impactos formativos no curso, juntamente com uma análise teórica dos princípios desencadeadores da educação emancipatória.

2. Objetivo

Diante da questão de pesquisa, tem-se o por objetivo geral, compreender os processos constitutivos de uma miniempresa e seus impactos na formação dos estudantes de graduação em Administração do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha, na educação profissional e tecnológica.

3. Justificativa

O tema desta pesquisa está fortemente ligado à função da educação, cuja missão, conforme Ramos (2017) é formar um ser omnilateral, capaz de criticar e de fazer as suas escolhas, tornar-se um cidadão pleno e capaz de influenciar o seu próprio destino, interagindo com a comunidade em que está inserido e, por consequência, com o mundo do trabalho.

Desse modo, a pesquisa busca investigar o uso de um projeto de miniempresa em uma instituição de educação profissional como ferramenta pedagógica para o processo de ensino, de aprendizagem e do desenvolvimento de habilidades do aluno para a vida profissional e tecnológica, com foco nas vantagens associadas.

Por preparação do aluno para o mundo do trabalho, assume-se a definição de Fleury e Fleury (2001, p.188): “um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos e habilidades, que agreguem valor econômico à organização e valor social ao indivíduo”.

A miniempresa se apresenta no sentido de proporcionar a integração e a vivência na prática de aprendizagem significativa e emancipadora ao discente.

4. Revisão de Literatura

O presente referencial teórico busca discorrer sobre conceitos que auxiliarão na compreensão do problema de pesquisa. Serão apresentados estudos já realizados sobre miniempresa e seus impactos nos processos formativos educacionais e, posteriormente, serão apresentados conceitos como concepção de educação emancipatória e processos pedagógicos decorrentes.

Será tratada igualmente a concepção de formação profissional que se alia ao conceito de emancipação, na perspectiva de romper com a ideia de formação restrita que serve ao

“mercado”. Dessa forma, busca-se compreender o conceito de trabalho a partir de seu princípio educativo, que permite uma visão ampliada de formação para o mundo do trabalho.

Diferentemente de uma Empresa Júnior, onde a ideia é os alunos prestarem consultoria e fornecerem o seu conhecimento ao longo do curso para outras empresas (BATISTA et al., 2010), uma miniempresa é um espaço de experimentação em que o aluno vivencia, em pequena escala e de forma controlada, os desafios e atividades inerentes a uma empresa. As miniempresas são administradas por alunos no desenvolvimento de uma atividade econômica real, operando em um ambiente controlado e com fins pedagógicos.

Freire (2000) aponta para um novo papel a ser assumido pela educação, rompendo com o modelo existente que propõe valores que contribuem para a manutenção das diferenças de classe e em que os princípios econômicos se sobrepõem aos humanos. Nessa proposta a formação profissional respeita as regras do “mercado de trabalho”.

A ideologia vinculada à concepção de miniempresa está voltada ao empreendedorismo, instrumentalizando futuros empresários ou profissionais atuantes em empresas com uma formação mais completa. (LIMA, 2008).

Nos estudos apresentados, percebe-se que o empreendedorismo é considerado um dos elementos formativos básicos para enfrentar os desafios atuais da sociedade e constitui-se como um fio condutor para as iniciativas práticas.

Segundo a *Education, Audiovisual And Culture Executive Agency - EACEA*, “[...] a educação é fundamental para moldar as atitudes, habilidades e cultura dos jovens e por isso é vital que uma educação empreendedora esteja voltada aos jovens [...]”. (EACEA, 2012, p. 5). Espera-se que uma educação empreendedora desenvolva atitudes, conhecimentos e habilidades de modo a favorecer o autoconhecimento e a autoconfiança dos jovens, de modo a que tomem a iniciativa, assumam riscos, com pensamento crítico, criatividade e capacidade de solucionar problemas, e, também, que saibam planejar e se comunicar, trabalhando em equipe, bem como saibam explorar as oportunidades de empreender que surjam. (EACEA, 2012).

Chaves e Parente (2011), entendem que ao passarem por uma miniempresa, os alunos veem a escola sob uma nova perspectiva, ao terem contato com o mundo do trabalho e ao poderem colocar os conhecimentos em prática.

Dessa forma, à educação cabe fornecer um mapa por onde o educando consiga orientar-se para navegar em um mundo complexo, que deve estar embasado em pilares fundamentais: **aprender a conhecer**, responsável pelo interesse no conhecimento, pela compreensão do mundo; **aprender a fazer**, ligado à coragem de executar; **aprender a viver junto**, que desafia

o indivíduo a conviver, cooperar e respeitar a todos, e **aprender a ser**, que explicita o papel do cidadão e o objetivo de viver, integrando os outros três saberes. (DELORS et al., 1998).

Para o primeiro pilar, Libanio (2002) explicita a necessidade de saber pensar, definindo este pilar como “aprender a conhecer e a pensar”. É necessário saber fazer perguntas que conduzam ao pensar, a relacionar o conhecimento com o seu contexto, formando um pensamento sistêmico. “[...] Em vez de pensar o real como pequenos cacos de conhecimento, sabe-o como mosaico maravilhoso. Em vez da linearidade das coisas, entende-as na sua complexidade [...]”. (LIBANIO, 2002, p. 19).

Nesse sentido, as experiências que o educando vivencia ao longo do seu processo educacional, estabelece relação significativa com o conhecimento historicamente sistematizado. E essas experiências estão em boa parte ligadas às experiências do mundo do trabalho. O aprender a fazer surge, então, como uma necessidade indissociável do aprender a conhecer. O aprender a fazer está ligado principalmente à formação profissional, ensinando o educando a colocar em prática os seus conhecimentos, entendido no contexto de trabalho em que se insere. (DELORS et al., 1998). Conforme Libanio (2002), uma relação dinâmica e criativa estabelece-se entre o conhecer e o fazer. “[...] Novos conhecimentos modificam o fazer, e novas práticas provocam reestruturação de conhecimentos”. (LIBANIO, 2002, p. 56). Esse dinamismo valoriza cada vez mais o coletivo em detrimento ao individual.

Nesse sentido, a relação entre teoria e prática é constituinte de processos formativos construtores de autonomia do conhecimento (Freire, 1980).

Segundo Kira, Medeiros e Santos (2013), a autonomia do indivíduo é o foco central no processo de emancipação do ser humano. Como promotores dessa autonomia individual está o respeito à individualidade de cada um, a sua bagagem de conhecimentos e experiências, formada pela valorização do seu jeito de viver, sua classe social e cultura, que ajudarão a construir o novo conhecimento.

Para que a emancipação dos indivíduos se torne prática no dia a dia das pessoas, Lima (2014) trabalha a ideia de que é necessário dar esforço de multilateralidade às intervenções pedagógicas de cada professor, saindo de uma prática linear para uma que observe o mundo concreto, levando em consideração as expectativas, visões e valores na construção de uma sociedade. O autor também afirma que é necessário fazer uma articulação com o mundo histórico, com uma leitura do que já passou, promovendo uma integração do que o mundo apresenta e o que o indivíduo traz consigo. Para que haja essa multilateralidade e articulação, é preciso que o ente promotor desse novo pensar, ou seja, o professor, tenha humildade na construção de um posicionamento político.

Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), também dão ênfase para a compreensão de que o intelectual não é o criador do mundo em que vive, mas que tem o seu potencial atingido quando é capaz de ajudar na transformação e compreensão do mesmo.

Para Ramos (2017), é necessário que os educadores se desafiem a formar indivíduos para as humanidades e para a ciência e tecnologia, construindo uma proposta curricular integrada. Com um ensino médio integrado, afirma-se o indivíduo como um ser humano repleto de potencialidades, e capaz de assumir o seu protagonismo na sociedade e no trabalho que constrói.

Nesse sentido Saviani (2007) defende que, na abordagem Marxista, o conceito de politecnia implica na união de trabalho e escola, levando o conhecimento intelectual construído juntamente com o trabalho produtivo, levando a consideração de uma construção de uma educação tecnológica, mais fiel ao conceito marxista, a que se chamou também de politecnia. Esse conceito de educação tecnológica / politecnia, fica mais elucidado em sua aplicabilidade quando define-se a politecnia como capacidade de fazer diversas tarefas, enquanto a educação tecnológica vincula-se ao conceito de um indivíduo omnilateral, capaz de desmembrar e construir as novas tecnologias, à medida que o trabalho evolui (SAVIANI, 2007)

Os autores convergem em seus textos, valorizando a autonomia do indivíduo, a sua realização e emancipação, onde ele torna-se sujeito protagonista da sua própria história.

5. Metodologia

Este trabalho, quanto à sua natureza, se caracteriza como uma pesquisa aplicada. Quanto aos seus objetivos, será uma pesquisa de cunho exploratório. As pesquisas exploratórias buscam maior proximidade com o tema estudado, de modo a que se possa construir hipóteses ou trazer novos elementos para análise (GIL, 2017).

Para responder ao objetivo de pesquisa, a abordagem será qualitativa, que responde a questões particulares, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando os significados envolvidos, como motivos, crenças valores e atitudes (Minayo, 2001).

O delineamento de uma pesquisa refere-se ao planejamento da pesquisa, “[...] que envolve os fundamentos metodológicos, a definição dos objetivos, o ambiente da pesquisa e a determinação das técnicas de coleta e análise de dados. O estudo de caso, conforme Gil (2017), é um dos delineamentos possíveis considerando-se o ambiente de pesquisa, a abordagem teórica e as técnicas de coleta e análise de dados.

Yin (2010) define o estudo de caso como uma investigação empírica que analisa um fenômeno contemporâneo, especialmente quando os limites desse fenômeno e o seu contexto não estão claramente definidos.

O caso objeto deste estudo será uma miniempresa implementada em uma Escola Pública Federal, que forma alunos no ensino médio técnico e em cursos de graduação, localizada em Frederico Westphalen. A miniempresa será conduzida por alunos do curso de Graduação em Administração, sob a orientação de professores desta Escola.

Os dados utilizados neste trabalho serão coletados a partir de fontes primárias, por meio de observação *in loco* e entrevistas e grupo focal. Um questionário semiestruturado servirá de base para a realização de entrevistas com chefe de ensino, professores e alunos participantes do projeto na Escola, e também para guiar a condução da entrevista ao final do projeto, em um grupo focal com discentes envolvidos na miniempresa. Como fontes secundárias, far-se-á uso de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental da Escola (informações do sistema de gestão, dados do setor de ensino, e outros dados).

Os dados coletados serão analisados qualitativamente, através da construção de categorias descritivas, tendo como base o referencial teórico, que vai fornecer a base inicial para a classificação dos dados. Dentro desse contexto, as mensagens implícitas, temas silenciados e as dimensões contraditórias serão exploradas (LÜDKE, 2013).

6. Resultados e Discussão

As vantagens percebidas até este momento, são mais evidentes para os professores, pois, convivem com os alunos e acompanham seu desenvolvimento não só na miniempresa, mas também fora dela, em outras disciplinas. Tornam-se, portanto, observadores privilegiados para essa avaliação. Os alunos, por sua vez, vêem as vantagens sob a ótica mais pragmática: possibilita a vivência com as lógicas do trabalho e de uma empresa e percebem, ao conviverem com os colegas, a importância dos aprendizados decorrentes do trabalho em equipe.

No aprender a conhecer e no aprender a fazer, o aluno, em uma miniempresa desenvolve o conhecimento a partir de uma situação problematizadora. Isso proporciona a aquisição de um conhecimento diferenciado, em que ele desvenda os conceitos e passa a entender o que inicialmente parecia complicado ou misterioso. Ele vê o conhecimento se transformar em algo palpável – o produto que o grupo cria, produz e vende. Isso o faz despertar para a necessidade de buscar ele mesmo novos conhecimentos e não esperar algo pronto. Passa a participar mais das discussões relacionadas aos temas e amplia sua compreensão da relação entre teoria e

prática, adquirindo um conhecimento técnico mais expressivo, pois aprendeu a partir das dificuldades decorrentes da experiência. Isso acaba refletindo na forma como ele se posiciona, com relação à aquisição de conhecimento, nas demais disciplinas. Isso é, em outras palavras, o que Delors et al. (1998) afirmam quando dizem que aprender a conhecer se referem ao aumento de saberes que despertam a curiosidade intelectual, possibilitam postura crítica, aquisição de autonomia de pensamento e capacidade de discernimento. Libanio (2002), destaca o aprender a pensar, o que é muito evidente na experiência com a miniempresa. O autor também destaca que entre conhecer e fazer deve estabelecer-se uma relação dinâmica e criativa.

No saber conviver, destaca-se a proposta do trabalho em grupo – todos juntos trabalhando para um mesmo fim. Na miniempresa, cada um tem sua função e atribuições. Isso implica que pessoas diferentes fazem tarefas diferentes e há a necessidade de enxergar e entender o outro e aprender a estimularem-se mutuamente para que os objetivos sejam alcançados. Os professores veem que a experiência com a miniempresa possibilita alunos mais preparados para trabalhar e relacionar-se em grupo, que valorizam a dedicação ao trabalho, que reconhecem e aproveitam competências previamente existentes, e sabem dialogar com diferentes segmentos. Saber trabalhar em grupo é uma competência essencial no mundo do trabalho. (DELORS et al., 1998; LIBANIO, 2002).

No aprender a ser, o educando deve ser preparado para poder agir nas diferentes circunstâncias da vida a partir do que ele mesmo é e pensa (DELORS et al., 1998). Os professores elencaram muitas vantagens na participação em uma miniempresa que favorecem uma postura diferenciada dos alunos: amadurecimento, autoconhecimento, responsabilidade, pró-atividade, raciocínio lógico, trabalho por objetivos (foco em resultados e cumprimento de metas), determinação, autoconfiança (segurança), dinamismo, liderança, empatia, capacidade de planejamento, de organização e de comunicação (forma como passa a explicar a técnica).

O uso do método de projetos por meio de uma miniempresa mostra-se uma proposta vantajosa para o desenvolvimento dos quatro pilares educacionais e em sua emancipação. As vantagens não são somente para o aluno, mas também para a escola e para a comunidade.

Referências

BATISTA, Mariana K.; BITENCOURT, Betina M., SILVA, Francielle M.; RUAS, Roberto L. Empresa júnior: onde a moeda de troca é o conhecimento. EnANPAD, 2010.

CHAVES, R. R.; PARENTE, C. O empreendedorismo na escola e o paradigma das competências: O caso da Junior Achievement - Portugal. **Sociologia, Problemas e Práticas**, v. 67, p. 65–84, 2011.

DELORS et al. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília: UNESCO no Brasil, 1998. Disponível em: http://www.informacaoepesquisa.fci.unb.br/images/materiais/oti/JDelors_RelUNESCO.pdf. Acesso em: 5 mai. 2015.

EDUCATION, AUDIOVISUAL AND CULTURE EXECUTIVE AGENCY (EACEA). **Entrepreneurship Education at School in Europe**. National Strategies, Curricula and Learning Outcomes. March 2012. Disponível em: < http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/documents/thematic_reports/135EN.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.

FLEURY, Maria Tereza L.; FLEURY, Afonso. Construindo o conceito de competência. **Revista de Administração Contemporânea**. Curitiba, v. 5, p. 183-196, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v5nspe/v5nspea10.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2018.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FRIGOTTO, Gaudencio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. O Trabalho como princípio educativo na educação integral dos trabalhadores. In: Héli da Costa; Martinho da Conceição. (Org.). **Educação Integral e Sistema de reconhecimento e certificação educacional e profissional**. São Paulo: Escola Sindical São Paulo - CUT, 2005, p. 19-62.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2017. Livro eletrônico.

KIRA, Luci F.; MEDEIROS, Marcelo L. de; SANTOS, Jeanderson S. dos. Paulo Freire e a autonomia como emancipação do homem. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 11, 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2013. p. 20.649-20.656.

LIBANIO, João Batista. **A arte de formar-se**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LIMA, Lúcia M. S. de. **A avaliação do programa miniempresa da Junior Achievement: limitações e perspectivas**. 2008. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Mestrado Acadêmico em Educação, Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí, 2008.

LIMA, Paulo G. Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo. **Pro-Posições**. v. 25, n. 3, p. 63-81, 2014.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013. Recurso eletrônico.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 9-30.

RAMOS, Marise N. Ensino médio integrado: lutas históricas e resistências em tempos de regressão. In: ARAÚJO, Adilson C.; SILVA, Cláudio N. N. da (Org.). **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: IFB, 2017. p. 20-43.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politecnia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 6.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.